

França faz advertência a maus pagadores

Atraso ou suspensão do pagamento de juros pode isolar devedor do resto do mundo

REALI JÚNIOR
Correspondente

PARIS — O principal assessor-econômico do presidente François Mitterrand e organizador da reunião de cúpula dos sete países industrializados, Jacques Attali, advertiu os países devedores dizendo que “se eles não pagarem sua dívida se colocarão numa situação difícil, afastando-se do mundo ocidental”. O objetivo foi chamar a atenção de países como o Brasil, que anunciou recentemente atrasos ou suspensão do pagamento dos juros ao Clube de Paris e a bancos comerciais.

O não pagamento da dívida externa, afirmou Jacques Attali, terá repercussões negativas entre os governos ocidentais e os bancos privados. Na sua opinião, isso poderá levar os países endividados a aumentar o seu protecionismo, que se transformará rapidamente em recessão. Attali acrescenta que essa situação pode ocorrer no momento em que a principal economia mundial, a dos Estados Unidos, está ameaçada, também, de entrar num processo recessivo, agravando ainda mais o problema. “Por is-



Attali (à direita), com Mitterrand: repercussões negativas

so, é interesse de todos que haja um acerto institucional para o problema da dívida”, afirmou.

Em entrevista ontem à televisão francesa, a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, disse que não pretende pressionar os bancos comerciais a uma solução para o problema da dívida externa. O governo, afirmou, só deve intervir quando os bancos emprestem demais a maus pagadores. Ela reconheceu que esse problema é uma das prioridades da reunião de cúpula de Paris.

O presidente Mitterrand,

porém, propõe negociações da dívida em nível político e já fez essa recomendação a Nicholas Brady, dos Estados Unidos, e aos japoneses. É normal, destacou o assessor do presidente francês, que os bancos privados defendam os interesses de seus acionistas, mas há indicações de que na reunião de Paris no final de semana poderá ser traçado o caminho para facilitar todas as negociações. O Brasil, entretanto, não está na ordem do dia entre as prioridades atuais, apesar de ter a dívida comercial mais elevada de todo o mundo.